

Antes do futuro, o passado

Arqueólogos da UFPE acompanham obras da Cidade da Copa para verificar a existência de vestígios históricos no terreno. Medida faz parte das obrigações para a construção do estádio



CASO ESPECIAL
 reportagem@ufpe.br

Vestígios de aldeias tupi-guarani. Ou então artefatos deixados pelas centenas de soldados holandeses que transitaram na região. Em breve, escavações minuciosas no terreno da Cidade da Copa vão revelar se existe qualquer resquício histórico no local onde será erguida a arena do estado para o Mundial de 2014. Segundo especialistas, a área tem potencial para descobertas arqueológicas entre 360 e 500 anos. Para ter essa certeza, o departamento de arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) só aguarda a publicação da portaria do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) no Diário Oficial da União para iniciar a pesquisa. O processo, em caráter emergencial para liberar a escavação, foi protocolado na última segunda-feira. O estudo faz parte do relatório necessário para que a Odebrecht inicie a terraplenagem do estádio, uma exigência da Agência Estadual de Meio Ambiente (CPRH).

O trabalho de reconhecimento da área começou a ser feito há uma mês pela equipe coordenada professor Marcos Albuquerque, com doutorado em arqueologia. Após o aval oficial, será instalado no local um laboratório móvel para análises e processamento de dados. Depois, será utilizada uma roçadeira mecânica para fazer uma limpeza na vegetação, geralmente em áreas de quatro metros quadrados, a cada 20 metros de distância. Nessas cortes, definidas por amostragem, acontecerão as escavações. Antes, o processo ainda passará pela utilização de um magnetômetro para detectar a presença de metais, como projéteis de mosquetes, por exemplo.

A prioridade atual é o levantamento da área de 32 hectares do terreno, pois o trecho faz parte da obra principal (coura estádio, estacionamento e centro de transmissão), que começou na última sexta-feira, ainda na fase preliminar. Os outros 218 hectares também serão estudados à medida em que a Cidade da Copa for saindo do papel, até 2020. "Em algumas áreas será um trabalho rápido, porque já tem um afloramento de pedras. Quando elas surgirem ainda não havia homens na face da Terra. Mas há indícios de que outros fit habitada por grupos indígenas tupi-guarani. E ainda há o registro de trânsito de tropas da Holanda durante a guerra", disse Marcos Albuquerque.

Um dos trechos já foi descartado, pois existe uma grande tubulação da Compesa, onde a área foi retomada no período da construção. Mesmo na área de pedras é possível encontrar arte rupestre (gravuras), por isso que descobertas deste tipo sejam comuns no Agreste. Caso algum vestígio seja encontrado (como medalhas, insígnias etc), haverá o salvamento do sítio, com a retirada segura dos itens.

O pesquisador adianta que o risco de pacifisar a obra da arena da Copa por causa de alguma descoberta é mínimo. A descoberta teria que ser irremovível, de grande porte. "Só algo incrível, como encontrar uma pirâmide", exagerou o professor, em tom de brincadeira. Recentemente, a mesma equipe descobriu um cemitério antigo na cidade pernambuca de Pódeus, onde será construída uma subestação da Chesf. Assim, "haverá primeiro o resgate e só depois as obras serão retomadas no local. Alguma ossada de dinossauro à vista na Cidade da Copa, professor? "A formação geológica daqui é inviolável para esse tipo de descoberta. Esse risco é zero. Para as outras coisas, temos potencial."